



FOTOCRÔNICA

CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

É vendaval...

O Rio amanheceu diferente. Não por causa do sol. Ele voltou, como sempre volta. Nem pelo azul do céu, que insistia em aparecer entre as nuvens desgarradas. O que mudou foi o silêncio.

Na manhã seguinte ao vendaval de 29 de julho, a cidade parecia caminhar devagar. Como quem ainda procurava o fôlego. As calçadas estavam cobertas por folhas que até ontem faziam sombra. Galhos interrompiam caminhos. Árvores antigas, companheiras de tantas gerações, jaziam vencidas sobre o asfalto. Pareciam velhos fotógrafos que, depois de registrar milhares de amanheceres, resolveram descansar. O vento passou. Mas deixou retratos.

Cada esquina guardava uma fotografia invisível. Um sinal de trânsito apagado. Um quiosque de portas fechadas. Um barco dançando inquieto na enseada. O vendedor de mate olhando para o céu antes de empurrar o carrinho. O gari juntando folhas que insistiam em fugir da pá. O ciclista desmontando da bicicleta para contornar um tronco caído. Pequenas cenas. Grandes histórias. Foi um daqueles dias em que o Rio deixou de posar para o cartão-postal. A cidade, tão acostumada a ser admirada, mostrou suas rugas.

O vento não escolheu bairros. Entrou pelas avenidas largas. Correu pelas praias. Assobiou entre os edifícios de Copacabana. Sacudiu as amendoeiras do Flamengo. Fez dançar as palmeiras da orla. Subiu os morros. Desceu pelos vales. Nem o Cristo parecia abraçar a cidade com a mesma tranquilidade de sempre. Havia um ar de inquietação pairando sobre a Baía de Guanabara.

Enquanto caminhava, lembrei-me de quantas vezes fotografei essas mesmas árvores. Sempre ali. Firmes. Pareciam eternas. Descobri, ontem, que eternidade também cai.

O Rio sempre viveu entre extremos. O mar e a montanha. A luz e a sombra. A calmaria e a tempestade. Talvez por isso o carioca tenha aprendido a improvisar. Mas improvisto não substitui planejamento.

Fala-se muito em El Niño. Fala-se em aquecimento dos oceanos. Fala-se em mudanças climáticas. Os nomes importam. A ciência explica. Mas basta caminhar pelas ruas depois de um vendaval para perceber que o clima já não cabe apenas nos boletins meteorológicos. Agora mora nas calçadas. Nos fios rompidos. Nas árvores centenárias vencidas pelo vento. No susto de quem sai de casa sem imaginar o que encontrará na esquina.

A pergunta permanece. O Rio está preparado?

Olho para as figueiras antigas. Para as sibipirunas que ainda resistem. Para as palmeiras que desenharam a orla. Penso que cuidar da cidade talvez seja, antes de tudo, cuidar dessas silenciosas guardiãs que nunca aparecem nas manchetes até o dia em que caem.

O Rio é belo porque respira natureza. Não existe fotografia da cidade sem uma moldura verde. O Pão de Açúcar sem as árvores do entorno perde profundidade. O Corcovado sem a floresta perde o encanto. A Lagoa sem o reflexo das copas perde poesia. A paisagem carioca não é feita apenas de pedra e mar. É feita de folhas, de sombras, de raízes. Quando uma árvore cai, não perdemos apenas madeira. Perdemos memória.

Cada tronco guarda aniversários, namoros, brincadeiras de infância, conversas de banco de praça, beijos escondidos da chuva. Guarda décadas de passarinhos anunciando o amanhecer. Talvez o maior estrago do vendaval não tenha sido o que apareceu nos telejornais. Foi outro.

Foi descobrir que a Cidade Maravilhosa continua linda, mas já não pode confiar apenas na própria beleza para enfrentar o futuro. O clima mudou. Os ventos mudaram. E o Rio, que sempre ensinou o mundo a contemplar paisagens, talvez precise aprender, com urgência, a proteger aquilo que faz dessas paisagens um lugar único.

Hoje o sol voltou a iluminar as montanhas. Mas quem atravessou a cidade nesta manhã percebeu que havia menos sombra nas calçadas. E, curiosamente, foi justamente essa ausência que mais escureceu o Rio.

